

Álvaro Cardoso (*)

Caxias e a Revolução Liberal de 1842 em Minas ()**

(*) General, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

(**) Conferência proferida no dia 27/8/1992, no auditório do Tribunal de Alçada em Belo Horizonte, integrando o ciclo de estudos sobre "*A presença de Minas na Revolução de 1842*", promovido pelo IHGMG.

ABSTRACT

The author makes a quick presentation of the revolutionary movement and of the unique character of Caxias, Commander of the legal army in Minas Gerais at the time. He outlines the plans of repression of Caxias in order to pacify Minas and analyses in details the famous battle of Santa Luzia, which put an end to the liberals' hopes. At last he stresses the concept of leadership and exalts Caxias' life as an example.

RESUMO

O autor desenvolve uma rápida apresentação do movimento revolucionário e da figura ímpar de Caxias, na ocasião Comandante do exército legal em Minas Gerais. Traça todo o trajeto da repressão feita por Caxias com a finalidade de pacificar Minas e analisa detalhadamente a célebre batalha de Santa Luzia, que pôs término às esperanças liberais. Para finalizar, destaca a conceituação de liderança e exalta como exemplo supremo a vida de Caxias.

Agosto de 1992 assinala o sesquicentenário do Movimento Revolucionário na Província de Minas Gerais, acontecimento que traz à lembrança os liberais mineiros tentando, naquele então, alcançar a certeza de suas convicções.

Agosto, em cada ano, celebra entre nós o mês de Caxias, Patrono do Exército, assinalando o dia 25, data de seu nascimento, o "Dia do Soldado", instituído desde 1923.

Caxias (Barão de Caxias) e os insurgentes de 1842 fizeram presença em Santa Luzia a 20 de agosto; em campos opostos, a seu modo, deixaram história à nossa consideração.

A esse passado volvemos sob o patrocínio do IHGMG a incentivar civismo e mineiridade onde marcas tenha deixado o Movimento em suas lutas, decepções e realizações.

Estabeleceu nosso Instituto um Ciclo de Estudos sobre a presença de Minas no evento: três palestras, sendo esta a segunda; oxalá, nesse encargo possa corresponder à confiança do nosso Presidente.

Indispensável apreciar-se a pessoa, a presença e atuação de Caxias na pacificação de Minas e no cenário nacional; lembrá-lo, situá-lo como militar, administrador e estadista no decorrer do século XIX e como Comandante em Chefe na repressão da insurgência Liberal.

Além das Partes Oficiais, nas fontes de consulta, destaca-se a "História do Movimento Político que no ano de 1842 teve lugar na Província de Minas Gerais", do Cônego José Antonio Marinho, dentre os rebelados, um dos mais atuantes; como revolucionário, não se exime das preferências, mesmo reconhecendo que "será tido como historiador suspeito... e que essa prevenção tem fundamento razoável"; Marinho e as Partes Oficiais, aceitavelmente, se completam.

São conhecidas e foram rememoradas as causas que em Barbacena levaram Minas Gerais, a 10 de junho de 1842, à rebeldia, proclamando um Governo Interino, "intruso" como o denominava a legalidade, ante a existência da Presidência normal, vigente na Capital, Ouro Preto.

O recurso às armas trazia prévia disposição; o Presidente Interino, Ten.-Cel. José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, em manifesto do dia, se expressava: "...quando a liberdade é calcada aos pés... empunhar as armas para defendê-la e sustentá-la é a primeira obrigação do homem livre... nós havemos chegado, infelizmente, ao ponto de recorrer a este meio extremo... Empunhando também armas, nós não as deporemos sem que tenhamos conseguido o nosso fim..."

Não seriam ignorados os riscos decorrentes: a Balaiada, no Maranhão, a Revolta de Sorocaba, em São Paulo; e a Guerra Farrroupilha, no Sul, estariam a lembrar repressão a ferro e fogo se juízo outro não acudisse.

Desencadeado o Movimento, as operações de guerra registrariam no calendário nacional a Revolução Liberal de 1842 em Minas Gerais; três meses de atividade militar em recrutamento, deslocamentos, combates, derrotas e vitórias, tomando como referência o eixo Paraibuna-Barbacena-Queluz-Sabará-Lagoa Santa, a área de maior interesse às ações que se desenvolveram, não ultrapassando, ao sul, a divisa com Rio de Janeiro; a leste e a oeste pouco se desviaria.

De junho a agosto, a insurreição envolveria cerca de nove mil homens; no combate de Santa Luzia, cinco mil entre revolucionários e legalistas.

As operações poderiam ser apreciadas, não necessariamente, segundo dois períodos; 10 de junho (proclamação em Barbacena) a 6 de agosto (entrada de Caxias em Ouro Preto); e 6 a 20 de agosto (Combate de Santa Luzia, término das operações e da insurreição).

Mês de Junho

Declarada a rebeldia, foram desencadeadas providências políticas para o maior convencimento à adesão e militares para segurança contra provável repressão ao sul, Rio de Janeiro e ao norte, Ouro Preto.

Responderam ao chamado inúmeros municípios vizinhos e afastados; a revolta alargou influência e procurou manter-se no controle das comunicações para o Rio de Janeiro, colocando destacamentos nas estradas do Paraibuna, do rio Preto e do Pomba.

Entre os dias 11 e 29, mais de vinte municípios aderiram ao Presidente interino, Feliciano Pinto Coelho da Cunha: alguns como Caeté, Baependi e Santa Bárbara, sob pressão; Queluz aderiu no

dia 13, após a retirada do efetivo legal que não se firmara; São João del Rei, igualmente, sob pressão aderiu.

Não foi estabelecido um plano de operações, predominando certa expectativa ante os acontecimentos que ainda ocorriam em Sorocaba e a reação possível da Capital da Província.

Em Ouro Preto, o Presidente legal, Bernardo Jacinto da Veiga, não ficou inativo; procurou manter os rebeldes à distância, cuidando em organizar Guarda Nacional e voluntários, principalmente em Ouro Branco, Catas Altas, Sabará e Congonhas; mobilizou contingentes combatendo a revolução em alguns municípios próximos; na Corte, foi convocada a Guarda Nacional do Rio de Janeiro e deslocada tropa de linha para a divisa com Minas.

Ainda em São Paulo, Caxias é alcançado pela nomeação para Comandante do exército legal em Minas; mesmo dali, organiza coluna que deverá penetrar território mineiro pela Mantiqueira e outra com destino a Ouro Fino.

A 27 de junho (terminando o mês), os insurgentes começam a ser desalojados do Registro do Paraibuna; passam a ser pressionados nas direções de Barbacena e São João del Rei.

Vencida a rebelião em Sorocaba, Caxias segue ao Rio de Janeiro de onde prosseguirá em julho para entrar em Minas.

Paremos no tempo. Suspendamos a seqüência dos acontecimentos em que os mineiros rebelados procuram sustentar pelas armas os desígnios de sua arraigada certeza. Façamos um interregno para apreciar-se o personagem que, vindo a Minas, jus vai fazendo à história que no cenário nacional escreve, assegurando presença na lembrança dos méritos de homem, soldado e cidadão – Caxias!

Vem de ser nomeado para pacificar Minas Gerais; até então, pacificara Maranhão e São Paulo; nas Gerais, mais se credenciará em conduta e profissão. Conhecido dos brasileiros, novamente justificará o passado que traz e o presente que levará à posteridade. Faz poucos dias, em São Paulo, adicionou capítulos à história; em Sorocaba, apaziguou os insurgentes de Rafael Tobias de Aguiar e do Pe. Diogo Antonio Feijó, como o fizera aos maranhenses em 1839.

Ressaltado já teria sido que Caxias “nascera com a idiosincrasia instintiva pela desordem e pela indisciplina... Não haveria o menor desvio na linha a que se traçara...” Atravessara o Reinado de D. João VI, o Império de D. Pedro I, a Regência,

invariavelmente soldado – soldado da Ordem, soldado da Lei... e assim se dispõe no Império de D. Pedro II. Soldado, mais ainda lutaria pelo Brasil; soldado, agora se apresenta aos liberais de José Feliciano, Dias de Carvalho, Teófilo Otoni e José Antonio Marinho.

Trinta e nove anos de vida, mais de vinte em serviços de muito respeito inspirado: Guerra da Independência na Bahia, 1822/1824, Cisplatina em 1825; a Balaiada no Maranhão, 1839; ultimamente, Sorocaba, em São Paulo; em qualquer lugar, agora em Minas, a garantir a unidade do Império, a Unidade do Brasil, com firmeza e confiança, abnegação e lealdade, penhor de dedicação ao serviço da Pátria.

Representava Caxias o que fosse em exemplo e integridade, subordinando-se inteiramente ao serviço e colocando as obrigações acima de qualquer interesse individual ou de grupo, excluídas a ambição e a vaidade.

As missões cumpridas, o nome, a presença, calavam fundo no ânimo dos liberais em Minas; as notícias da nomeação, os resultados em Sorocaba, a energia, a capacidade e a eficácia que lhe davam renome antecediam-lhe a presença, mesmo pesavam na expectativa dos Chefes da revolução em Minas.

Teófilo Otoni, presente a uma conferência sobre a decisão de avançar-se ou não contra Ouro Preto naquela oportunidade, argumentava tratar-se de impositiva decisão aquele ataque... que, se perdessem a oportunidade, morta estava a revolução, independente da coadjuvação de Caxias – observação influenciada pela fama que precedia o Barão, no momento ainda afastado da área.

Designado para pacificar Minas, integrava-se, pois, Caxias aos acontecimentos de 1842... a eles, voltemos.

Mês de Julho

Decorre o mês com maior atividade, tanto para os insurgentes como para a repressão.

A 17, o comando rebelde refaz previsões; as forças do Governo já avançavam pelas estradas liberadas desde a divisa do Rio de Janeiro por Paraibuna, Pomba e Picu; os revolucionários de Baependi e de Barbacena reuniram-se aos da Chefia de Galvão, constituindo um só exército para futuras ações contra a Capital; caso contrário, seguiria todo o efetivo ao norte, a aguardar as circunstâncias.

A 20, deslocam-se visando Queluz, então com os legalistas do

Brig. Toledo Ribas; reunidas as colunas do Presidente Feliciano e Otoni, a 26 atacam com Galvão e Alvarenga, conquistando a vila; fazem prisioneiros e arrebanham farto material de guerra em armamento e munição, inclusive uma peça de artilharia; outra vez, para os revoltosos, oportunidade rara para prosseguimento contra Ouro Preto. Para decepção de alguns chefes, tal não sucede; ante a indecisão, dirigem-se para Ouro Branco, estacionando em Bocaina a aguardar os acontecimentos até 1º de agosto.

Mais ao norte, a coluna insurgente de Santa Bárbara, de Manuel Ferreira, desalojara de Sabará, pouco antes, os legalistas do Cel. Pacheco; mais tarde, ante novo avanço contrário, retira-se para Santa Luzia, reunindo-se aos insurretos procedentes de Curvelo e demandando Lagoa Santa a 2 de agosto.

Procedentes de Barbacena e São João del Rei, avançavam as tropas do Barão de Caxias que, desde 27, invadiram Minas; chegariam a Ouro Preto a 8 de agosto, dois dias após Caxias ter sido ali festivamente recebido.

Concentrada bem mais ao norte, outra coluna insurgente, a de Santa Bárbara, do Cel. Ferreira, entra em Sabará, de onde segue ao sul para reunir-se ao grosso do exército revolucionário em Bocaina com o Presidente Feliciano, ficando assim, nesse início de agosto, as forças liberais extremamente reforçadas.

A indecisão dos chefes insurgentes, talvez na expectativa de acordo ou acerto no sentido de abandonarem a luta depondo armas, havia proporcionado a Caxias a oportunidade de, a 6 de agosto, livremente entrar em Ouro Preto.

Numa apreciação sobre as ações desenvolvidas desde 10 de junho, pode ser salientado que:

- Desde logo, para os liberais, impunha-se definir Ouro Preto, a Capital, como objetivo fundamental, militar e político; no prazo decorrido, tempo houve, tempo teria havido para investir contra ela, mesmo conquistá-la; foram quase dois meses sem presença ostensiva e ação das forças legalistas; conquistada a Capital da Província, outras condições poderiam valer, mesmo para futuras negociações;
- os revolucionários muito se deslocaram sem proveito, além de pontos ocupados de limitado interesse; politicamente, de muito se ampliaram os efeitos da rebelião; porém, à medida em que as tropas legais faziam presença, algo se normalizava; a ausência de uma condução decidida e a falta de objetivo muito teriam de favorecer a repressão;

– os resultados da ocupação de Queluz, Caeté e Sabará não foram explorados; a conquista de Queluz a 26 de julho teria sido a última e mais oportuna ocasião para um decidido avanço contra Ouro Preto;

– apenas os municípios de Barbacena, São João del Rei, Baependi, Santa Bárbara e Curvelo se salientaram em efetiva participação;

– a repressão pelo Governo não foi imediata, dando tempo à revolução para preparar-se; desde logo, os problemas de São Paulo, Sorocaba, e do Rio Grande do Sul com a Guerra Farrroupilha preocupavam, havendo três frentes a atender;

– o Presidente da Província em Ouro Preto não ficou inativo; porém foi limitado às suas possibilidades;

– antes de chegar a Minas, Caxias fez suas primeiras colunas avançarem desalojando os destacamentos liberais e os repelindo sobre Barbacena e São João del Rei; a 31 de julho, Caxias hasteava a bandeira da legalidade em Barbacena.

Mês de Agosto

Em Bocaina, reunira-se ao exército liberal a forte coluna de Santa Bárbara; entre 6 e 13, lançam-se os insurgentes novamente contra Sabará, retirando-se para Caeté e Congonhas os defensores legais que ali estavam. A tomada de Sabará, sem muito proveito, induz a, no mesmo dia, dirigirem-se os revolucionários para Santa Luzia.

De 13 a 19, véspera do Combate de Santa Luzia, realizam-se entendimentos de iniciativa rebelde, para possível anistia, entendimentos esses não considerados por Caxias, com os revoltosos de armas na mão.

Fracassadas as negociações, desesperançados de uma solução negociada, dispõem-se os liberais a aguardar as decorências da situação onde se achavam, alturas de Santa Luzia.

Reunidas as forças do Governo em Caeté, decide Caxias marchar contra Santa Luzia, pela estrada do Sabará, ao encontro dos revolucionários.

Para quem vai do Sabará para Santa Luzia, o local onde se verificaria o encontro, poderia ser assim lembrado: à esquerda, o curso do rio das Velhas; ao fundo, alto, no centro, o Arraial; à frente do Arraial, duas alturas, Tamanduá e Lapa, dominando adiante

uma baixada de onde vem a estrada do Sabará que se dirige ao Arraial; à direita, a estrada que pelas proximidades da Lapa alcança o Arraial prosseguindo para a Ponte Grande no rio das Velhas.

A intenção de Caxias é chegar a 20 para atacar a 21, devendo a coluna do Cel. Lima e Silva investir pela direita, e a do Ten.-Cel. Ataíde cortar a retirada dos rebeldes pela esquerda, na Ponte Grande; pelo centro, Caxias.

A coluna do Cel. Lima e Silva, com mil e duzentos homens tomaria a estrada da Lapa; compunha-se do 8º Btl. de Linha, três Btl. Provisórios, 1 Esq. Cav; a do Barão de Caxias, oitocentos homens, pela estrada do Sabará, compunha-se de três Btl. Provisórios, Caçadores, duas peças de artilharia: a do Ten.-Cel. Ataíde, trezentos e cinqüenta homens, Guardas Nacionais, pela estrada do Morro da Vicença.

Em seu relato, o Cônego Marinho diz “ser do conhecimento do comando rebelde o plano que Caxias conduziria...” “...o conhecimento do número das forças da legalidade que não era superior ao dos insurgentes, bem como o plano de ataque os animou extraordinariamente, e esses detalhes vindos em informações confidenciais ao Presidente interino foram por ele francamente apresentados...” consequência provável da intimidade de conhecimento e de relacionamento entre as gentes das vizinhas localidades que não se desligavam das comunicações pessoais.

Sendo “que o voto geral era para que se aceitasse o combate...” o Presidente convocou os comandantes das diferentes colunas, fez-lhes ver o número das forças prováveis da legalidade e movimento delas, todos os detalhes, enfim, que havia obtido, e lhes disse que deliberassem sobre os meios mais próprios a receber-se galhardamente a visita anunciada; e o que se deliberou foi o seguinte:

- que Galvão com sua coluna fosse emboscar-se nas alturas do Tamanduá, caminho direto do Sabará para Santa Luzia, por onde vinha uma das colunas do exército legalista;
- que Lemos, Alvarenga e Joaquim Martins ocupassem as alturas da Lapa para esperarem a outra coluna legalista na qual supunham vir o Gen. Barão de Caxias;
- que o Batalhão de Santa Luzia e duas Companhias de Santa Bárbara reforçadas com artilharia ocupassem a Ponte;
- que nos pontos vantajosos se procurasse atacar os

legalistas, assim que estes aparecessem antecipando-se assim o combate que se sabia estar marcado para o dia 21".

Na manhã do dia 20, a uma légua e meia de Santa Luzia, mal surge na estrada a vanguarda da coluna do Sabará, as forças do Cel. Galvão rompem renhido fogo das alturas do Tamanduá.

Caxias sente-se tomado de surpresa e é obrigado a aceitar o combate.

É o Combate de Santa Luzia em que se defrontaram cerca de três mil insurgentes e dois mil e quinhentos legalistas.

Os insurgentes ocuparam as alturas do Tamanduá e da Lapa, ao sul do Arraial; instalaram-se muito bem para o combate defensivo, tendo no terreno e no efetivo grande vantagem; ao centro, definiram o esforço; garantiram a retirada, em caso de necessidade, pelo lado da Ponte, no rio das Velhas.

A defesa exige que o ataque tenha maior efetivo, entretanto estará sujeita à manobra; no caso, os revolucionários tinham um flanco apoiado no rio das Velhas. O dispositivo, explorando a facilidade da observação, do campo de tiro, instalação da artilharia e reservas, deixava boas perspectivas aos defensores.

Cientes do plano de Caxias do ataque para o dia 21 e visando obter e explorar a surpresa com a iniciativa inopinada das ações, desde a manhã do dia 19 os insurgentes ocuparam as posições como antes haviam acertado; das alturas do Tamanduá e da Lapa, ao longe, via-se toda a baixada onde os legalistas haveriam de estar.

O Combate desenvolveu-se entre oito e dezoito horas do dia 20; durante a jornada transcorreram ações de ataque, defesa, retraimento, contra-ataque, flanqueamento e retirada.

Cerca das oito horas, a coluna de Caxias surge; desde logo, com surpresa, se engaja na antecipação do combate. A luta se inicia e decorre com vantagem para as forças legalistas, em que pese a situação favorável dos defensores no terreno; após uma hora de renhido fogo, Caxias os desaloja da primeira linha de resistência.

O retraimento do inimigo é feito em ordem, para uma boa posição em demanda ao Arraial onde Galvão passa a oferecer obstinada resistência pelos reforços que recebe.

Às dez horas, Caxias sente-se detido diante da resistência do Arraial; pelo avanço que fizera já tem o flanco direito exposto.

Alvarenga, que guarnecia a Lapa, nada tenta; entretanto, reforça Galvão com a gente do seu setor.

À direita, a coluna legalista sob comando do Cel. Lima e Silva ainda não se faz presente, prevista que estava para na tarde de 20 tomar posição tendo em vista o combate a 21.

Às dez horas Caxias é detido ante a resistência sempre crescente; Galvão reage decisivamente e os legalistas são obrigados a ceder terreno pressionados pelos liberais.

Às 14h30min, o Barão está em franca retirada para as alturas do Tamanduá; sua posição torna-se delicada; a tropa, desde cedo surpreendida pela antecipação do combate, pela manhã mostra sinais de muita fadiga; são oitocentos homens pressionados por um número muito superior de adversários. Nenhum sinal da coluna do Cel. Lima e Silva; a Caxias, parecia péssimo o momento e difícil a situação.

Inopinadamente, surge, do lado da Lapa, o 8º Batalhão de Linha da Coluna à direita, de Lima e Silva, avançando diretamente sobre o Arraial por onde ia vencendo a pouca resistência encontrada.

O Cel. Lima e Silva ouvira, à distância, ainda bem afastada, os tiros da artilharia dos revolucionários, ocorrência que não estava em suas previsões: inspirado pelo pressentimento, decidira antecipar-se à programação, acorrendo ao local do combate.

Justamente quando os insurgentes já se julgavam senhores absolutos da situação, o imponderável acontecia; revelou-se de forma surpreendente, fazendo virar, de modo súbito, incrível, a balança da vitória.

Caxias, obrigado a bater em retirada, presente a intervenção, percebe os efeitos da ofensiva do 8º Batalhão no Arraial; pára de recuar e volta-se para contra-atacar Galvão que já se sente ameaçado pelos legalistas no Arraial.

Entre as duas ações, os revolucionários sentem-se dominados pelas forças do Governo que passaram a ocupar todas as alturas em derredor; cedendo terreno, Galvão é contra-atacado com sucesso pelos soldados de Caxias.

A coluna do Ten.-Cel. Ataíde, à esquerda, mesmo não completando o que lhe era atribuído, não impediria que Caxias, em Santa Luzia, pusesse termo ao Movimento Liberal de 1842.

Analisando o combate do dia 20, relata o Cônego Marinho: "Estavam os insurgentes senhores do campo de batalha, davam-se já os parabéns pela vitória alcançada; o êxito do combate já não era duvidoso, pois que o General da legalidade já se retirava há mais de

uma hora perdendo bagagens e artilharia, quando das três para as quatro horas trocaram-se as posições dos combatentes com a aparição do batalhão 8º no campo de batalha; ele mudou a sorte das armas, ainda mais pela razão de não terem os insurgentes um chefe que os dirigisse... Com efeito, à falta de um chefe que os dirigisse, um incidente, enfim, tinha arrancado aos insurgentes uma bela vitória..."

Mais tarde, em carta a José Clemente Pereira, Ministro da Guerra, diz Caxias: "...mas fique certo V.Exa. quer me creia, quer não, que estive em grandes apuros, pois tive de me bater desde as oito e meia horas da manhã até as três da tarde com três mil rebeldes bem armados e desesperados dispondo apenas de oitocentos caçadores... e se às três da tarde não chega meu irmão José com o 8º Batalhão de 1ª Linha e outro Batalhão de Provisórios, não teria remédio senão retirar-me, e ganhar posições para, no dia seguinte, renovar o ataque, o que era mais procedente; porém, a fortuna ainda não quis desta vez, nem por momento, desamparar-me..."

Quanto ao conhecimento antecipado do ataque e de todo o plano pelos revolucionários, relata Caxias em sua Ordem do Dia: "...porém tendo um infame desertor delatado, na véspera, aos rebeldes quais as verdadeiras forças de que eu dispunha, e as posições que ocupavam, fizeram logo sobre a força do dito Ten.-Cel. Ataide, que se achava do outro lado da Ponte, um ataque com o dobro da força que ele tinha, o que o obrigou a ir ocupar a posição da véspera. Então, voltando os rebeldes toda a atenção sobre a coluna do centro, com a qual eu me achava, dispuseram-se, em sucessivas emboscadas, desde o alto do Tamanduá até o Arraial que dista légua e meia, e aí me esperaram..."

No Combate de Santa Luzia verificou-se, da parte do Comando Legal, uma ação frontal – coluna Caxias – combinada com uma ação de flanco – coluna Lima e Silva – a ser completada por uma ação de cerco – coluna Ataide – que, embora não inteiramente realizada, em nada contribuiria para impedir a total derrota dos insurgentes.

A finalidade da operação montada, a destruição do inimigo e a ocupação do Arraial foi plenamente alcançada com a vitória de Caxias e a completa deposição de armas daqueles que, pela Ponte Grande, haviam se retirado para Lagoa Santa.

Apresentaram-se posteriormente ao Cel. Lima e Silva trezentos insurgentes em Santa Bárbara e mais novecentos ao Cel. Manuel Antonio da Silva; o Batalhão de São João del Rei submeteu-se ao Cel. Furtado de Mendonça e, em outros locais, as rendições continuaram.

Com o Combate, está finda a Revolução que o Partido Liberal articulou em Minas; no Arraial foram presos, entre outros, Teófilo Otoni, Dias de Carvalho e o Vigário de Barbacena, Joaquim Camilo de Brito.

Do Arraial de Santa Luzia, Caxias, a 1º de setembro, volta a Ouro Preto onde tem a oportunidade de dirigir-se ao “leal e valoroso povo mineiro...”

A 29 de agosto, o Ministro da Guerra comunicava a promoção do Gen. Barão de Caxias ao posto de Marechal de Campo Graduado.

Após Santa Luzia, seguiria Caxias luzindo em vida e profissão. Chamado à Corte, a 9 de novembro é nomeado Presidente e Comandante das Armas da Província do Rio Grande do Sul; em 1845 pacifica a Província. Num período de dez anos, 1835 a 1845, pacificara quatro Províncias, sendo Presidente em duas e Vice-Presidente em uma. Já tendo recebido o título de Conde, ingressa no Senado a 11 de maio de 1846; por duas vezes foi Ministro da Guerra e Presidente do Conselho; elevado à Dignidade de Marquês em 1852 e Duque em 1870; Comandante das Forças Brasileiras em 1851/1852 nas Campanhas contra Oribe no Uruguai e Rosas na Argentina; em 1865, no Paraguai, vence em Avaí, Lomas Valentinas e entra em Assunção; novamente na Presidência do Conselho em 1876; em 1878 recolhe-se à vida privada, falecendo em 1880.

“Se sua vida pudesse ser representada por uma figura, esta seria de grande simplicidade e elegante firmeza – seria a linha reta”. Já teria sido dito: “teve duas grandes paixões em sua longa vida de homem público, como militar, político e estadista: a Unidade da Pátria e a Preservação da Ordem – elementos que condicionaram o equilíbrio de sua atuação política e os propósitos que lhe deram a constância, a continuidade de sua conduta de homem, soldado e cidadão...”

Chefe militar, administrador público, senador e estadista, em todo aspecto impôs respeito e admiração pela autoridade da competência e pela tranquilidade da experiência; foi soldado, comandante em chefe, acima de tudo um LÍDER; LÍDER audacioso e determinado, permanentemente influenciando sua tropa no cumprimento de missões difíceis, mesmo aparentemente impossíveis.

Como surgem os Líderes? Estudiosos bem autorizados assim nos falam:

“São feitos na escola da vida e da luta, nas necessidades, nas angústias e nos movimentos de risco; são feitos como símbolos de ideais e de ação em proveito de gentes, grupos, comunidades e nações...”

Há quem diga que líder nasceu feito...

“Alguns sociólogos professam a teoria do “grande homem”, isto é, em determinadas épocas e situações, como reação a crises, como solução a determinados reclamos, condições ou realizações, a natureza, ou Deus, parece engendrar alguém capaz de chamar ou tomar a si a condução de toda uma idéia, ação, grupo, povo, à conquista de seus desígnios”.

“...não há como negar que uns já trazem do berço, mais que outros, a capacidade de liderança em razão de tendências naturais; entretanto, mais na forma carismática é que talvez a liderança seja inata...”

Caxias foi LÍDER; um GRANDE LÍDER! Pela persuasão, pelo exemplo, pela autoridade, pela competência; tinha o dom de influenciar e persuadir, impressionar para despertar cooperação, esforço ou sacrifício para a conquista de um objetivo, para a consecução de uma finalidade.

Guerra do Paraguai - 6 de dezembro de 1868 - Itororó!

Conta-nos o Cel. Dionísio Cerqueira “...estávamos em pleno combate; a luta pela Ponte do Itororó era terrível... seis vezes o inimigo, comandado pelo General paraguaio Caballero, perdeu-a e de novo a conquistou... as nossas tropas, embora lutando desesperadamente, foram arrojadas aquém da ponte, obrigadas pelo inimigo a novamente abandonarem o objetivo conquistado... as cornetas repetiam incessantemente o toque de Avançar! ...mas as tropas pareciam inativas... apenas alguns batalhões foram substituir outros quase dizimados...”

Por fim, Caxias, o Comandante em Chefe, carrega pessoalmente, à frente do 1º Corpo de Exército Brasileiro... Animado, ereto no cavalo, o boné de capa branca, de pala levantada e preso ao queixo pela jugular, a espada curva desembainhada, empunhada com vigor e presa pelo fiador de ouro, passou pela nossa frente o velho General em Chefe que parecia ter recuperado a energia e o vigor dos seus vinte anos e bradou: “SIGAM-ME OS QUE FOREM BRASILEIROS!” É o que conta o combatente do Itororó – e continua:

"Estava realmente belo! Perfilamo-nos como se uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós ...apertávamos o punho das espadas e ouvíamos um murmúrio de BRAVOS! ao grande marechal..."

O Batalhão mexia-se agitado e atraído pela nobre figura que abaixou a espada em ligeira saudação aos seus soldados. O comandante deu a voz de FIRMES! Daí a pouco, o maior dos nossos generais arrojava-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados, atraídos pela irradiação de sua glória.

Houve, então, quem visse moribundos, quando ele passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para caírem mortos adiante.

A carga foi irresistível: o inimigo feito em pedaços e a ponte... ficou em nosso poder.

As bandas tocaram o Hino Nacional, cujas notas sugestivas se misturaram com a "ALVORADA" alegre repetida pelos corneteiros que ainda viviam".

Conquista da Ponte do Itororó... 6 de dezembro de 1868... Guerra do Paraguai! Exemplo de LIDERANÇA... Exemplo de um LÍDER... Exemplo de CAXIAS!

Minas Gerais de 1842, revoltada, combatida, vencida e pacificada foi oportunidade para recordar Caxias, recordá-lo em projeção nacional desde antes, durante e após aquele Movimento Liberal; justa seja a recordação encerrada voltando vistas aos bravos insurgentes mineiros que de 10 de junho a 20 de agosto levantaram-se em armas e as depuseram lutando por um ideal, sentimento de firme convicção. Merecem respeito e lembrança; contribuíram para a História, embora contrariados no desejo de escrevê-la diferente; com suor e sangue buscaram uma afirmação; foram valentes e decididos combatentes.

"O que por sem dúvida tenho", diz o Cônego Marinho, "é que os insurgentes de 1842 poderão ser tachados de sôfregos por haverem recorrido às armas em circunstâncias talvez ainda não desesperadas, porém, o que é pior, ser tidos como revolucionários infelizes; mas não podem ser argüidos duma única ação que os obrigue a abaixar a cabeça;... puros entraram na revolução, e puros dela saíram..."

Diremos nós: Sobrepujados foram por irmãos brasileiros de outra convicção; do desastre de uns, do resultado de outros, seguiria o Brasil mais adiante com todos, com Caxias, com Minas Gerais!

Referências Bibliográficas

MARINHO, José Antonio. *História do movimento político que no ano de 1842 teve lugar na Província de Minas Gerais.*

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai. HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO.* v. 2, E.M.E.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. v. 15.

CARVALHO, Affonso. *Caxias.*

Curiosidades à margem

- 1 A participação eventual do Pe. Manuel Rodrigues da Costa (1754-1844) – inconfidente de 1792, pelos liberais, em Barbacena...
- 2 A presença curiosa do Maj. Eng^o. Alemão T. Wisner Morgentau como auxiliar dos liberais, trabalhando em O.T. e Artilharia; prisioneiro de Caxias em Santa Luzia e, bem mais tarde, novamente prisioneiro de Caxias em Lomas Valentinas, onde se incorpora ao exército de Solano Lopez.
- 3 A presença de outro militar alemão, esse incorporado ao exército legal, o Maj. Fernando Halfelds, que, posteriormente, se relacionaria ao progresso de Juiz de Fora.
- 4 A participação do Cônego José Antonio Marinho, muito antes, ainda jovem, na Revolução de 1817 em Pernambuco.
- 5 O resquício do “recrutamento” que onerou de muito os insurgentes liberais, levando-os a se incorporarem ao exército... a respeito dessa questão, muito se queixa e ironiza Marinho ao comentar: “...Vencido o movimento político de 10 de junho... O General vencedor dos Paulistas e Mineiros marchava para o Rio Grande com um belo reforço de tropas compostas em grande maioria d’aqueles mesmos Mineiros de Santa Luzia... Com tão brilhante reforço, como o que consigo levava o general, prognosticava a infalível e pronta pacificação da Província do Rio Grande do Sul”.
- 6 Quanto ao conhecimento antecipado do plano de Caxias pelos revolucionários, curiosamente, conta Marinho: “A Sra. D. Bárbara Horta... fazendo ver a seu genro Luís Rodrigues Câmara Sette o empenho de fazer chegar a Santa Luzia esses detalhes, chamou-o por um seu pagem da maior confiança e satisfação, entregou-lhe a carta e assegurou-lhe a certeza de ser ela entregue antes do dia 21 de agosto... Com efeito, no dia 18, estavam, por este meio, inteirados os insurgentes do número das forças da legalidade, do dia e do plano de ataque”; e a palavra dada por Sette foi religiosamente cumprida...

